

DIVERSIDADES

Profa. Dra. Raquel Pereira Quadrado*
Msn. Dárcia Amaro Ávila**

Resumo

Diversidade é uma palavra que temos visto e ouvido muito nos últimos tempos: na TV, nos sites de redes sociais, nas políticas públicas, nas revistas e jornais, e também em outros artefatos culturais¹ e instâncias sociais que vêm trazendo à tona essa discussão. Mas afinal, o que é diversidade?

A diversidade refere-se à multiplicidade de ideias, linguagens, religiões, costumes, comportamentos, valores, classes sociais, nacionalidades, culturas, crenças, raças-etnias, gêneros e sexualidades que constituem os sujeitos. Essa diversidade é expressa a partir de posições que os sujeitos ocupam nos diversos contextos socioculturais, constituindo as identidades - de gênero, geracionais, sexuais, de classes, étnico-raciais, religiosas, nacionais, entre outras².

Essas identidades são produções sociais, históricas e culturais, que se dão em meio a práticas de significação – na família, na escola, na mídia, na saúde, entre outras – que ensinam tipos de comportamentos, brincadeiras, desejos, valores, pensamentos, vestuários... Em nossos estudos e pesquisas temos lançado nosso olhar, de forma mais detalhada, para algumas dessas identidades:

¹são produções variadas – peças publicitárias, músicas, comunidades da internet, videoclipes, charges, revistas, jornais, programas televisivos e radiofônicos, entre outras – que são resultados de processos de construção cultural.

²são produções sociais, múltiplas, fragmentadas e cambiantes, muitas vezes contraditórias e descontínuas.

*Professora do Instituto de Educação (FURG) e doutora em Educação em Ciências.

**Mestranda do PPG Educação (FURG)

Identidades de gênero

Constituem masculinidades e feminilidades que, ao contrário do que algumas correntes teóricas postulam, não são constituídas pelas características biológicas dos corpos dos sujeitos, ou seja, não é a genitália que determina e institui os significados de masculinidade e de feminilidade em cada cultura. As identidades de gênero são produzidas em meio a práticas de significação que se dão nas diversas instâncias sociais, dentre as quais a escola. Na escola atuam alguns elementos sociais que vão (re)produzindo masculinidades e feminilidades ao instituírem determinadas práticas como, por exemplo, quando nas filas, nos grupos de trabalho, nas atividades físicas e nas brincadeiras separa-se meninas e meninos, e ainda, quando são estabelecidas determinadas maneiras para sentar e portar-se em sala de aula, que são distintas para os alunos e as alunas. Tais práticas resultam dos significados que culturalmente têm sido atribuídos às mulheres, como os gestos delicados, a forma de sentar, a graça, a vaidade, o trato com as crianças e com os assuntos domésticos, a afetividade, a timidez, etc. Aos homens, cabem os gestos e a fala forte, a maior aptidão física e não serem tímidos, afetuosos, delicados e não poderem chorar... Além disso, na escola também transitam sujeitos que colocam em xeque o conceito de gênero baseado na genitália: Travestis³ e Transexuais⁴.

Identidades sexuais

Referem-se às formas distintas de vivenciar afetos, prazeres e desejos que são, no geral, nomeadas como homossexualidade, bissexualidade e heterossexualidade. Em outras palavras, é o desejo afetivo-sexual que constitui a identidade sexual do sujeito e não os marcadores de masculinidade e feminilidade que são visibilizados em seu corpo. Apesar disso, nas escolas percebemos o entrelaçamento das identidades de gênero com as identidades sexuais. Qualquer desvio com relação às imposições sociais acerca dos modos de vivenciar as masculinidades e as feminilidades gera suspeitas com relação à identidade sexual do sujeito.

³é a pessoa que faz uso deliberado de roupas e acessórios culturalmente atribuídos ao outro gênero aliado à possibilidade de construção

⁴é a pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento.

Identidades étnico-raciais

‘Envolvem termos como raça e etnia, que foram se modificando a partir de conflitos e disputas entre grupos e povos. A produção dessas identidades na escola se dá a partir de diversas práticas e artefatos, como os livros didáticos e de contos, expressões usadas comumente - “a coisa está preta”, “programa de índio”, etc - nas cores de lápis-de-cor em que o bege é considerado a cor da pele etc. Atualmente as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnicoraciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana (BRASIL, 2013) vêm inserindo a discussão das identidades étnicoraciais que estão presentes nas escolas, e que historicamente vem sendo silenciadas no currículo escolar.

Identidades geracionais

Construções acerca das “fases” que os sujeitos vivenciam ao longo da vida e que dizem respeito as diferentes gerações–infâncias , adolescências, fase adulta, velhices – que são determinadas por diferentes momentos históricos de acordo com a idade em que se encontra cada geração. Na escola, entretanto, é possível perceber algumas práticas pedagógicas que visam instituir uma única forma de se viver a identidade geracional, como por exemplo, todas as crianças gostam de brincar ou todos os adolescentes são rebeldes, ou ainda os adultos e os sujeitos da terceira idade apresentam dificuldades de aprendizagem.

Identidades religiosas

As múltiplas identidades religiosas se constituem a partir de diferentes contextos culturais e históricos nos quais os sujeitos estão inseridos. Nestes contextos, significados são produzidos e compartilhados, estabelecendo saberes, crenças, histórias, mitos e ritos acerca de determinada religião. A partir da religião, muitas pessoas definem seus modos de entender, de ser e estar no mundo, adotando às suas vidas práticas – participação em missas, ritos, procissões, pagamento de promessas – e marcadores identitários – burcas, crucifixos, quipá – que as posicionam em determinados grupos. O documento final da Conferência Nacional de Educação (2010) ao referir-se à educação afirma que tanto na formação inicial quanto na continuada, ao abordar a diversidade cultural-religiosa, deve-se buscar superar preconceitos e

discriminações, assegurando que a escola seja um espaço pedagógico laico para todos, de forma a garantir a compreensão da formação da identidade brasileira (CNE, 2010). O não reconhecimento de outras religiões, favorece a imersão de preconceitos. Por isso, é importante possibilitar espaços que auxiliem aos alunos perceberem como as diferenças foram sendo naturalizadas em diferentes contextos históricos, gerando preconceitos e inferiorizações de uma religião em prol de outra.

Referências:

BRASIL. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Disponível em: http://www.sinpro.org.br/arquivos/afro/diretrizes_relacoes_etnico-raciais.pdf. Acesso em: 5 de jun. de 2013.

CNE. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 4, de 13 de julho de 2010. Brasília: CNE, 2010.